

Jornalismo Transmídia em sala de aula: mapa midiático-temático na roteirização de reportagens

Transmedia journalism in the classroom: media-thematic map in scripting reports

Periodismo transmedia en el aula: mapa mediático-temático en la guionización de reportajes

Enviado em: 18/09/2022
Aceito em: 23/04/2024
DOI: 10.46952/rebej.v14i33.508



Marcos Carvalho Macedo
marcoscarvalhom@outlook.com
Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco

Yvana Fechine
yvana.fechine@ufpe.br

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

O exercício da profissão de jornalista tem se reconfigurado e exigido competências midiáticas e discursivas que se associam ao modelo de produção transmídia. Este artigo sistematiza contribuições da aplicação do método de ensino de roteirização de reportagens especiais transmídia que considera os aspectos temáticos para expansão de novos conteúdos, e põe à prova o mapa midiático-temático, ferramenta concebida com base em estudos analíticos para subsidiar seu processo de produção. A testagem foi realizada em turmas do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco durante os semestres 2020.2 e 2021.1, e seus primeiros resultados apontam para a operacionalidade da ferramenta, evidenciando pistas significativas para o ensino de jornalismo transmídia.

PALAVRAS-CHAVE

Transmídia. Roteiro. Jornalismo. Método. Ensino.

ABSTRACT

The exercise of the journalist's profession has been reconfigured and required media and discursive skills that are associated with the transmedia production model. This article systematizes contributions from the application of the teaching method of scripting special transmedia reports that considers thematic aspects for the expansion of new content, and puts to test the media-thematic map, a tool designed based on analytical studies to subsidize its production process. The testing was carried out in classes of the Journalism Course at Universidade Federal de Pernambuco during the 2020.2 and 2021.1 semesters, and its first results point to the functionality of the tool, evidencing significant clues for the teaching of transmedia journalism.

KEYWORDS

Transmedia. Script. Journalism. Method. Teaching.

RESUMEN

El ejercicio de la profesión de periodista se ha reconfigurado y requiere competencias mediáticas y discursivas que se asocian al modelo de producción transmedia. Este artículo sistematiza las aportaciones de la aplicación del método didáctico de guionización de reportajes transmedia especiales que considera aspectos temáticos para la expansión de nuevos contenidos, y pone a prueba el mapa mediático-temático, herramienta diseñada a partir de estudios analíticos para apoyar su proceso de producción. La prueba se realizó en clases del Curso de Periodismo de la Universidade Federal de Pernambuco durante los semestres 2020.2 y 2021.1, y sus primeros resultados apuntan a la funcionalidad de la herramienta, aportando pistas significativas para la enseñanza del periodismo transmedia.

PALABRAS CLAVE

Transmídia. Guión. Periodismo. Método. Enseñanza.

1 INTRODUÇÃO

O exercício da profissão de jornalista tem passado por significativas reconfigurações que exigem desse profissional competências ampliadas para lidar tanto com o novo ambiente digital e com a consequente convergência midiática. Saberes, habilidades e técnicas, até então consolidados, se reposicionam frente às exigências do mercado: o novo jornalista deve produzir para diferentes canais de mídias, dominar diversas linguagens e compreender bem todas as etapas do processo, desde a produção até a distribuição e repercussão dos conteúdos.

Esses são aspectos que devem fazer parte da formação acadêmica dos profissionais de jornalismo. Nessa direção, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo, aprovadas em 2013, propõem preparar profissionais para atuarem no contexto de mutação tecnológica e estabelecem, dentre as competências pragmáticas, o domínio de “linguagens midiáticas e formatos discursivos utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação” (Brasil, 2013).

Competências como essas associam-se àquelas necessárias para pôr em prática o modelo de produção transmídia, inicialmente concebido para desenvolver produtos da indústria cultural, sobretudo do entretenimento, mas que se mostra igualmente válido a todo campo comunicacional, com as considerações necessárias a cada uma de suas áreas. A lógica que rege as produções transmídia se baseia na articulação de conteúdos para diferentes mídias e plataformas, estimulando a interatividade entre os usuários no ambiente de convergência. Dessa forma, compreender as características desse modelo e o modo de colocá-lo em prática torna-se um imperativo frente às reconfigurações impostas tanto ao exercício profissional quanto à formação dos jornalistas.

Apesar dos conhecimentos envolverem uma certa interdisciplinaridade, defendemos que o ensino do jornalismo transmídia requer a constituição de conteúdos programáticos específicos, capazes de desenvolver habilidades e métodos mais sistemáticos de produção que considerem as nuances desse modelo. A especificidade de um estudo mais pormenorizado torna-se ainda mais necessária para distinguir a transmidiação de outros fenômenos também gerados pela convergência midiática, termos muitas vezes tomados por sinônimos. É preciso esclarecer que aquela é uma das manifestações mais complexas desta, e, portanto, precisa ser bem compreendida para ser melhor operacionalizada.

Os estudos de novos fenômenos no campo jornalístico, como é o caso das produções transmídia, baseiam-se em pesquisas de análise empíricas capazes de caracterizá-los. A expectativa dos alunos e também as orientações das Diretrizes Curriculares, no entanto, apontam para uma dimensão mais prática. É nesse sentido que, além de promover a discussão e compreender teoricamente o jornalismo transmídia, é preciso também apresentar um *modus operandi* dessas novas formas de narrativas jornalísticas.

Pretendemos, neste artigo, sistematizar algumas contribuições para a roteirização de reportagens especiais transmídia, a partir da experiência de aplicação de um método que considera a expansão de aspectos temáticos, parte de pesquisa doutoral, e que foi testado no ensino de graduação de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco¹. Utilizando-se do mapa midiático-temático, ferramenta concebida com base em estudos analíticos e semióticos de pro-

¹ Para uma discussão mais aprofundada, veja Macedo (2024).

duções transmídia jornalísticas, os estudantes produziram roteiros para reportagens, cujos resultados são apresentados e discutidos. Antes de descrever a testagem do método mais propriamente dito, cabe pontuar seus principais fundamentos e detalhar os procedimentos utilizados, tarefa que empreenderemos ao recuperar o percurso de pesquisa que permitiu chegar a essa formulação (Macedo, 2019).

2 FUNDAMENTOS PARA UMA ROTEIRIZAÇÃO TRANSMÍDIA NO JORNALISMO

As primeiras definições dos produtos transmídia associam-nas a uma nova forma de contar histórias, surgida no contexto de um ambiente midiático convergente e, portanto, caracterizada pela possibilidade de expandir-se através da distribuição dos conteúdos e promover uma maior interatividade com seus usuários. A descrição mais ideal desse fenômeno foi cunhada por Jenkins (2009a) com base em estudos de seriados e filmes norte-americanos. Ao tratar da narrativa transmídia, o autor atenta não apenas para a utilização de “múltiplas plataformas de mídia”, como também para a dimensão narrativa dos “textos”, isto é, dos conteúdos, que se estruturam numa relação parte-todo, de maneira a tornarem-se, ao mesmo tempo, autônomos e interdependentes.

Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo. A redundância acaba com o interesse do fã e provoca o fracasso da franquia (JENKINS, 2009a, p. 138).

A tentativa de circunscrever essa forma de produção de conteúdos avançou no sentido de determinar princípios e características, de maneira a ampliar sua compreensão e identificar as possibilidades de desenvolvimento do modelo em outros campos da produção cultural, como o jornalismo (Moloney, 2011; Martins, 2011; Martins e Soares, 2011; Scolari, 2013; Canavilhas, 2013). Apesar das significativas contribuições, a particularidade das pesquisas nesta área, atreladas a um corpus ou fenômeno específicos, não oferece um modelo mais geral, capaz de possibilitar diferentes arranjos produtivos.

Ao problematizar o conceito de transmídia e distingui-lo de fenômenos como o acesso de um conteúdo através de múltiplas telas, a abordagem empreendida por Fachine et. al. (2013), para análise das estratégias transmídia na teledramaturgia brasileira, preocupa-se com um modo mais recorrente de operacionalização dos destinadores da comunicação, o que permite ampliar as categorias propostas para outros campos culturais, como da produção jornalística. Os autores recuperam e sistematizam as contribuições de estudos na área para conceber a transmidiação como “um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdo associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais” (Fachine et. al., 2013, p. 26).

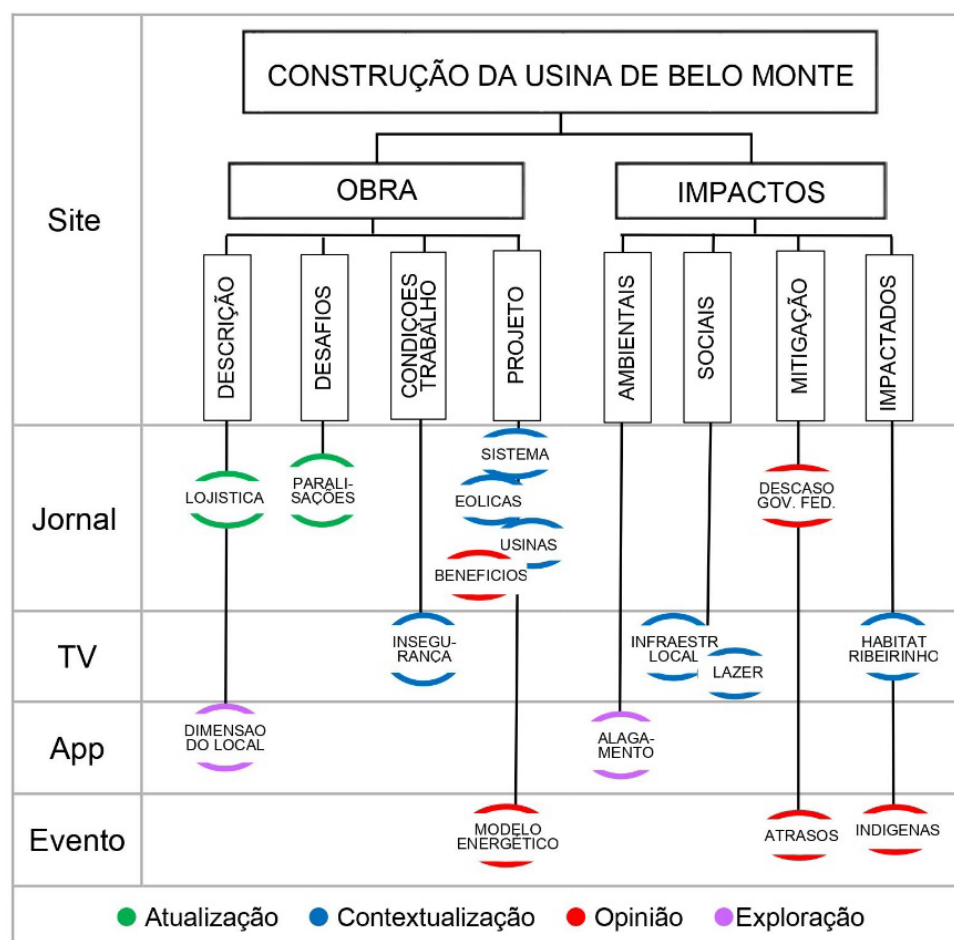
Com base nas duas estratégias mais gerais identificadas pelos autores – a propagação e a expansão –, Macedo (2019) analisou um conjunto de reportagens especiais produzidas pela Folha de S. Paulo, caracterizando-as como narrativa transmídia jornalística a partir dos seus modos de organização. Embora catalogasse também as estratégias de propagação, cuja função era promover, reiterar e repercutir os conteúdos produzidos para outras plataformas para manter o interesse, a pesquisa concentrou-se em identificar as estratégias de expansão, responsáveis

pelo alargamento da história através de conteúdos que complementassem ou oferecessem novos elementos dentro do mesmo universo narrativo.

O critério utilizado para identificar o processo de expansão nas reportagens fundamentou-se na análise discursiva do texto e dos diferentes níveis de sentido que ele aciona. Se nas produções de narrativas transmídia voltadas ao entretenimento e que estimulam a fruição (filmes, séries e telenovelas), a expansão dos conteúdos para outras mídias e plataformas é mais evidente através do percurso narrativo do texto (nível narrativo), isto é, através das ações que interferem diretamente na sequência da história, nas produções jornalísticas, que procuram reunir o maior número de informações acerca de um assunto ou questão, a expansão dos conteúdos pode ser melhor vislumbrada através do percurso temático do texto (nível discursivo). Assim, nas reportagens argumentativas, que tratam de uma problemática, um assunto ou um tema, a ampliação dos aspectos temáticos através de conteúdos produzidos para outras mídias e plataformas fomentam a narrativa transmídia jornalística.

Para auxiliar a visualização das estratégias de expansão das reportagens analisadas, Macedo (2019) utilizou representações gráficas capazes de apontar as articulações entre mídias, os desdobramentos temáticos e as funções que os conteúdos assumiam para enriquecer a abordagem como um todo. Estas representações analíticas foram reformuladas em forma de mapa a fim de demonstrar mais concretamente a estrutura e o sistema de relações desse tipo de reportagem (Figura 1).

FIGURA 1
MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO DO ESPECIAL TUDO SOBRE BELO MONTE

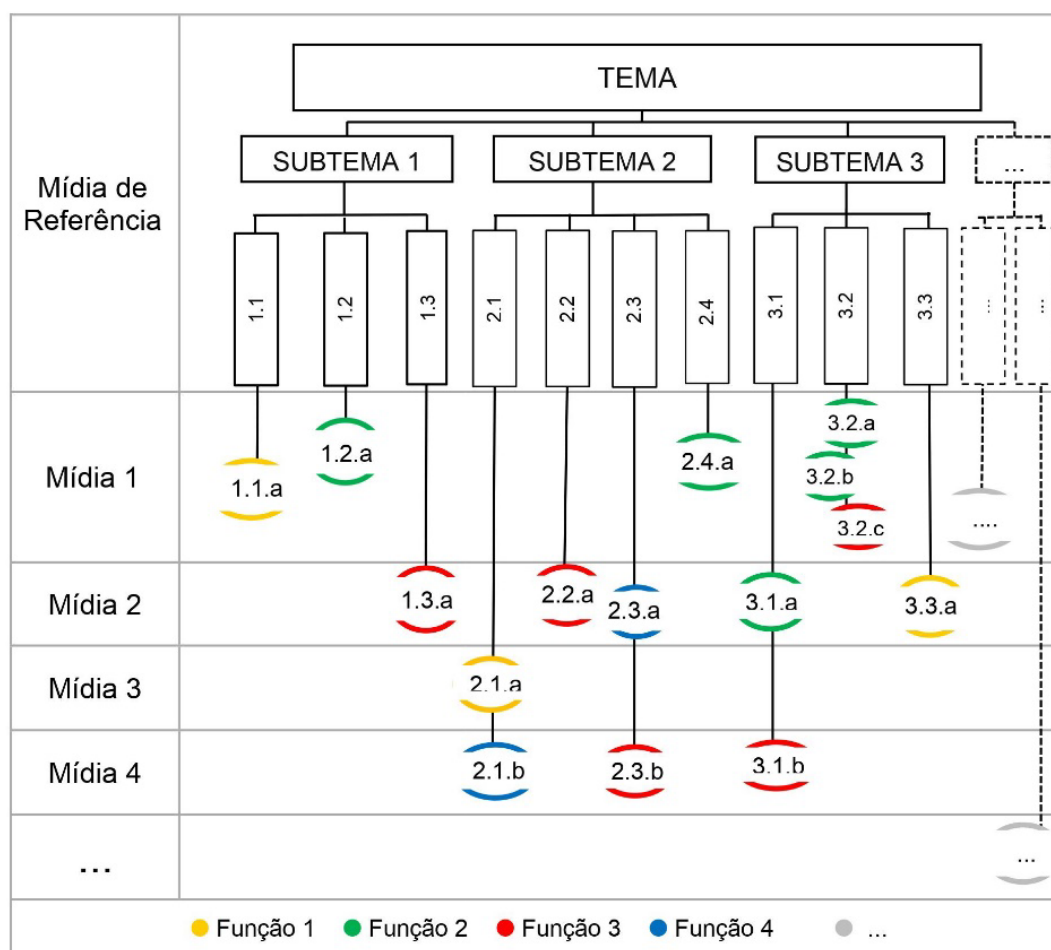


Fonte: Adaptado de Macedo (2021a, p. 11).

Posteriormente, para promover uma transição metodológica, houve nova reelaboração do mapa, tornando a representação mais genérica, porém mantendo os campos e elementos essenciais: mídias, percurso temáticos e funções. Esse exercício de abstração, menos atrelado a um corpus específico, possibilitou a concepção de uma ferramenta metodológica, o mapa midiático-temático (Figura 2), que foi proposta como instrumental para roteirização de reportagens especiais transmídia.

O mapa midiático-temático fornece uma estrutura básica variável, sujeita a diversos arranjos possíveis para roteirização de uma reportagem transmídia. Na superfície plana, como em uma planta baixa, situam-se as mídias e plataformas, que devem ser mobilizadas para produção de conteúdos considerando suas características e peculiaridades para expandir o tema geral ou um de seus aspectos temáticos. Estes, por seu turno, organizam-se hierarquicamente, seja em sentido horizontal no próprio texto de referência, através da numeração, de modo a demonstrar um certo percurso argumentativo, seja em sentido vertical, expandindo-se para as demais mídias e plataformas situadas na parte inferior do mapa. Os conteúdos de expansão são derivações e, portanto, distinguem-se dos subtemas e aspectos temáticos do texto de referência pelas letras, mas mantém estreita relação com eles através dos fios que os sustentam em uma mesma direção. Para dar um sentido mais global ao conjunto desses conteúdos, propõe-se revestir cada um deles de funções específicas predominantes (não exclusivas), capazes de promover maior diversidade de conhecimento. No corpus analisado por Macedo (2019) as funções identificadas foram atualização, contextualização, opinião e exploração, mas nada impede que outras possam ser propostas.

FIGURA 2
MODELO HIPOTÉTICO DE MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO DE REPORTAGEM TRANS-
MÍDIA



Fonte: Adaptado de Macedo (2021b, p. 10).

O mapa midiático-temático foi concebido como instrumental para roteirização transmídia no jornalismo, mas considerando que tanto a produção jornalística quanto o modelo transmídia envolvem diferentes etapas e técnicas, é preciso deixar claro a sua finalidade e delimitar o alcance. Em primeiro lugar seu objetivo é roteirizar uma produção e, portanto, guiar, conduzir e orientar o processo de produção. Ainda que o roteiro produzido seja aberto e permita alterações ao longo do caminho, o planejamento dos temas e aspectos temáticos norteia a apuração, evita redundâncias na abordagem e permite que a reportagem avance, aprofundando o tema escolhido.

Em segundo lugar, essa roteirização se concentra sobre o planejamento das estratégias de expansão, aquelas mais complexas e também caracterizadoras da chamada *transmedia storytelling* (Jenkins, 2009a). Esse tem sido o desafio mais recorrente quando se trata de jornalismo transmídia: desenvolver conteúdos que não se restrinjam apenas à adaptação dos conteúdos de uma mídia para outra. Eis, então, a oportunidade de desenvolver habilidades de planejamento e produção de conteúdos que sejam, ao mesmo tempo, autônomos e interdependentes, que promovam o aprofundamento de questões, e que, por fim, colaborem para uma maior qualidade do jornalismo.

O mapa midiático-temático não incorpora as estratégias de propagação, voltadas para promover múltiplos acessos e engajamentos tanto ao conteúdo de referência como aos conteúdos de expansão. Em primeiro lugar porque tais estratégias não dependem de aspectos temáticos

para serem desenvolvidos e dificultaria a distinção visual destes conteúdos no instrumental utilizado. Em segundo lugar porque geralmente os conteúdos de propagação são planejados a partir dos conteúdos de referência e de expansão, ou seja, na fase de pós-produção (edição), quando todo o material já está pronto para ser publicado, inclusive com informações sobre suas formas de acesso para prever a remissão entre eles, através de endereços, *links*, *QR Codes* etc. Por fim, esse tipo de conteúdo vem sendo desenvolvido pela maioria dos jornalistas para impulsionar as produções em redes e plataformas digitais, evidenciando que competências dessa ordem têm sido parte de suas rotinas produtivas.

3 MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO EM SALA DE AULA

Propor um método de roteirização para reportagens especiais transmídia exige não só a concepção de suas etapas e dos instrumentais que auxiliem nesse processo, como também a sua testagem, isto é, a verificação do quão eficaz esse método pode ser. Essa etapa de experimentação, na qual os procedimentos sugeridos são ensaiados em vista de sua validação, teve seu primeiro espaço na sala de aula. Como parte do projeto de pesquisa doutoral, foram realizadas atividades de roteirização utilizando-se do método proposto em duas disciplinas do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, ofertadas de maneira remota em regime de estágio-docência e sob a supervisão da Prof^a. Yvana Fachine. Embora a proposta de pesquisa não tivesse a preocupação em analisar o ensino de jornalismo, a experimentação mostrou, por exemplo, a importância do conhecimento do funcionamento das linguagens na formação discente, a exemplo das teorias da argumentação (Fiorin, 2015). Não cabe, no entanto, nos limites e propósitos deste artigo uma discussão mais aprofundada – que foi descrita em Macedo (2024) e poderá ser melhor realizada em outros trabalhos – sobre as implicações do modelo de produção transmídia no ensino de jornalismo.

Neste estágio da pesquisa, conscientes do caráter propositivo do método e focados na sua testagem, para além da sua confirmação ou negação, buscou-se, também compreender a recepção dos discentes acerca dos instrumentais propostos e identificar os desafios que eles apresentam, estimulando contribuições para sua melhoria. Trata-se, em última instância, de criar um ambiente de ensino-aprendizagem não polarizado pelos papéis de professor e aluno, assim como, seguindo a perspectiva da pedagogia freiriana, gerar as possibilidades para a produção e construção do conhecimento, no qual “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (Freire, 2005, p. 22).

A primeira experiência de testagem do método ocorreu na disciplina Processos de Roteirização no Jornalismo (45 h/aulas), ministrada no semestre 2020.2, de forma remota em virtude da pandemia da covid-19. Por se tratar de componente eletivo, o programa de ensino estava integralmente voltado para as questões da pesquisa, trazendo tanto questões teóricas e analíticas quanto práticas. A primeira etapa da disciplina buscou aprofundar os conceitos de transmidiação e caracterizar as produções transmídia, suas estratégias e aplicações no jornalismo, valendo-se para isso de leituras, discussões e estudos de casos; a segunda, voltou-se mais para a discussão e compreensão do processo de roteirização, destacando as possibilidades para o jornalismo transmídia – nessa etapa apresentou-se o mapa midiático-temático e os níveis que o compõem, como explicamos anteriormente, bem como foram realizados os primeiros exercícios com a

ferramenta com toda a turma. Por fim, a classe foi dividida em grupos, que mantiveram encontros de orientação com o professor para elaboração de um projeto de reportagem transmídia, valendo-se do instrumental proposto para sua roteirização, o mapa midiático-temático.

A segunda oportunidade de aplicação do método foi na disciplina Telecinejornalismo, componente obrigatório da grade curricular do curso de Jornalismo da UFPE ministrado regularmente a estudantes do penúltimo período da graduação. Este exercício de experimentação do método foi precedido de apresentação e discussão dos principais conceitos e análise de produções jornalísticas transmídia, procurando introduzir os estudantes na temática e nas nuances que envolvem esse modo de produção. Tratar de transmídia num componente curricular mais específico do curso de jornalismo voltado para uma mídia em particular – a televisão – favoreceu a observação acerca das hierarquias midiáticas em um projeto transmídia. Os conteúdos referentes às estratégias de transmidiação articulavam-se com as discussões sobre serialização e tematização de reportagens especiais, desenvolvidas como parte do programa da disciplina. Após a apresentação detalhada do mapa midiático-temático, seguiram-se igualmente os exercícios de roteirização de reportagens em grupos específicos, nos quais os professores realizavam orientação para escolha dos temas e desenvolvimento dos percursos temáticos.

Durante as aulas expositivas, a apresentação do esquema mais abstrato (Figura 2) gerou diversas dúvidas quanto ao funcionamento prático do mapa. As perguntas dos estudantes buscavam entender o significado de cada um dos elementos que constituíam o mapa, sobretudo as representações dos subtemas e das funções. A apresentação do exemplo hipotético de um mapa midiático-temático de reportagem (Figura 3), utilizando-se como base um programa de planilha eletrônica, tornou mais compreensível a proposta.

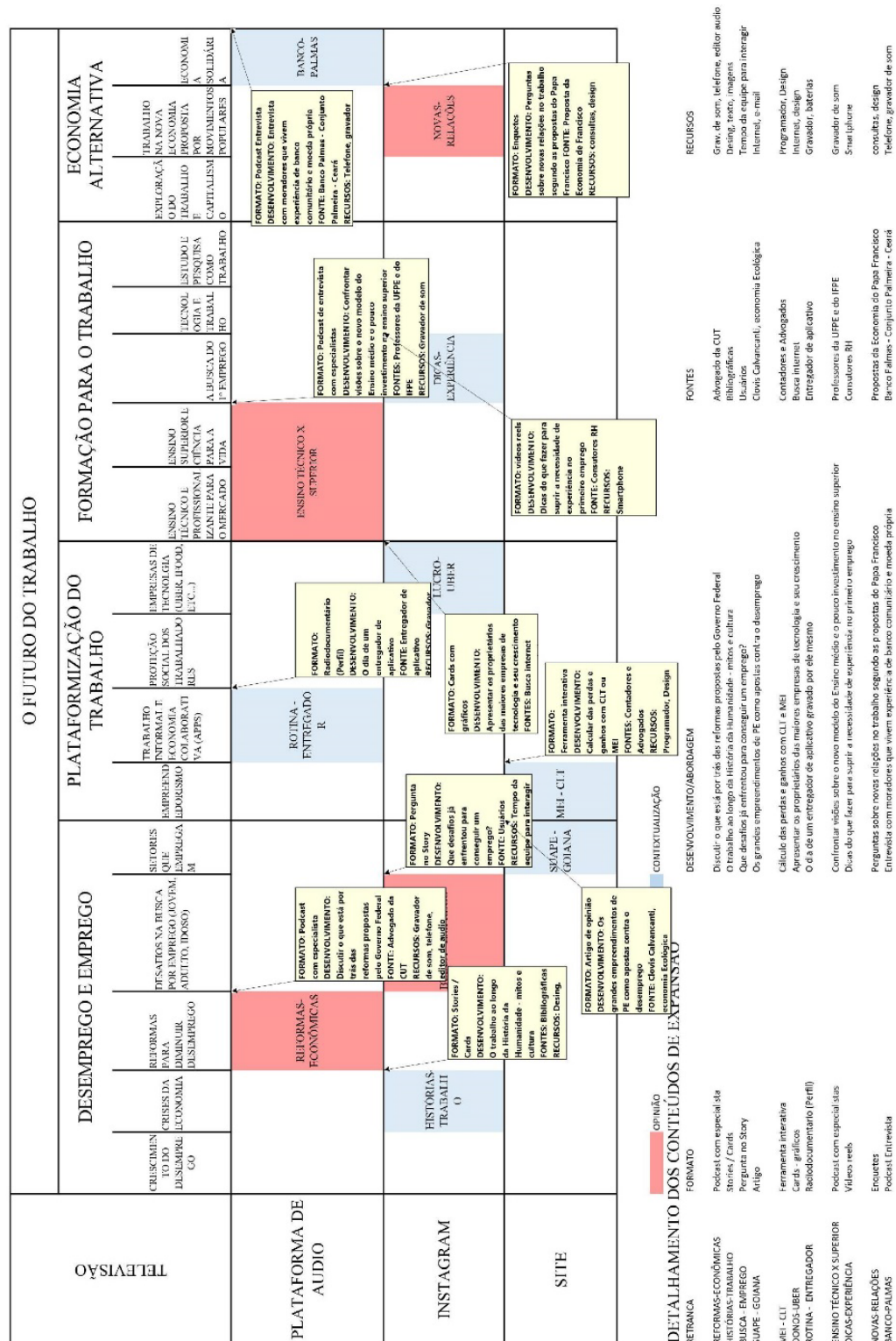
Eu acho que ficou muito mais claro, a gente estava tendo dificuldade antes porque a gente não tinha os temas e a gente não tinha os subtemas, os caminhos que a gente tinha que seguir com a reportagem, com os conteúdos: era só letra e seta, aí as vezes ficava um pouco complicado. Mas agora, com o teu projeto, a gente já tem uma noção de como a gente pode começar o nosso, como a gente pode concluir [...] (Estudante da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, UFPE, semestre 2020.2)

A primeira tarefa no processo de roteirização foi a escolha do tema da reportagem especial. Além das indicações e técnicas jornalísticas já consolidadas para essa escolha², valia também o alerta de que o tema deveria ser “vacionado” para transmidiação, isto é, deveria apresentar diferentes aspectos a serem aprofundados, convocar abordagens mais amplas e ser capaz de “trasbordar-se” a ponto de não comportar seu tratamento em uma única mídia ou plataforma. Dentre os temas pautados na primeira disciplina estavam os esportes e a realidade dos atletas no país, em diferentes, recortes, as transformações na Indústria Cinematográfica, os Megaprojetos em Pernambuco e os Incidentes com tubarão em Pernambuco. Na segunda experiência os temas escolhidos foram: HIV, Inteligência Artificial, Extermínio Negro nas Periferias,

² Na escolha do tema para uma reportagem especial televisiva, De la Rue (2006) propõe a fuga do lugar comum, mas sem desconsiderar pilares do jornalismo como o conflito, a apuração, a contraposição e a clareza. Bordas (1995) também destaca o conflito como ponto de partida para a notícia crítica ou criativa, aquela que “visa comunicar estados de situações, para advertir, exortar, promover, delatar, denunciar, apelar, complementar, confrontar ou apresentar novas formas de expressão” (Bordas, 1995, p. 198). O assunto de uma reportagem não deve ser confundido com a pauta, alerta Pereira Junior (2006) e precisa ser avaliado quanto a sua adequação ao projeto editorial do jornal (Pinto, 2009), “levando em conta o perfil do leitor e os temas mais importantes no seu cotidiano” (Folha de S. Paulo, 2018, p. 111).

Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs, Mobilidade Urbana, Vida Trans e Declínio da Classe C³.

FIGURA 3
MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO DE ROTEIRIZAÇÃO DE REPORTAGEM SOBRE TRABALHO



Fonte: Macedo (2021a, p. 14).

³ As temáticas inicialmente propostas muitas vezes apresentavam-se mais figurativas. O trabalho de orientação consistia justamente em discutir a abordagem e ampliá-la, para que se tornasse mais possível de um tratamento transmídia, a exemplo do caso da atleta olímpica Simone Biles que foi o gancho para discussão sobre saúde mental nos esportes.

Definido o tema, também foi necessário delimitá-lo, identificando uma problemática capaz de sustentar o seu desenvolvimento através das hipóteses (possíveis respostas). Essa tarefa implica sempre um certo recorte da realidade empírica, tal como na produção científica. Pelo caráter argumentativo desse tipo de produção, demarcar com maior rigor o problema que se pretende abordar permite encontrar mais facilmente o percurso temático que aponte para uma conclusão (tese), evitando digressões e redundâncias no projeto transmídia.

No mapa midiático-temático, abaixo do campo destinado ao tema, também foi incorporado um espaço para descrição dessa problematização, uma espécie de sinopse que revelasse mais claramente o enfoque que se pretendia dar ao projeto. À medida que se tornava claro o que se pretendia abordar e já se projetavam mentalmente como fazê-lo (os subtemas que formam um percurso temático), também surgia uma outra questão: onde ele será tratado? Nesse momento, era preciso definir a mídia de referência, em função do melhor tratamento do tema ou de algum condicionante de produção. Na disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, a escolha da mídia de referência foi livre enquanto na disciplina Telecinejornalismo foi direcionada, ou seja, o texto de referência deveria ser roteirizado para televisão, como reportagem especial ou série de reportagens.

Estes primeiros passos na aplicação do método proposto estabeleciam as bases para roteirização transmídia, aquilo que Jenkins (2009a) denomina de “nave-mãe” da franquia, isto é, a mídia e o do texto de referência. No caso de produções em jornalismo como reportagens argumentativas, temos considerado como texto de referência associado aquele cujo conteúdo desenvolve com maior propriedade o percurso temático, desdobrando-se em conteúdos de expansão para novas mídias ou plataformas.

O passo seguinte consistia em organizar os subtemas de modo coerente e procurando responder satisfatoriamente ao problema que se desejava tratar. Seja em razão da própria cultura jornalística, profundamente atrelada à necessidade de que seus textos criem efeitos de realidade capazes de imprimir maior verossimilhança aos fatos relatados, seja pela ausência de métodos mais sistemáticos no ensino de jornalismo que privilegiam a organização temática do discurso, as ideias predominantes nas primeiras orientações com os estudantes demonstravam uma dificuldade para desenvolver um raciocínio abstrato. Sua propensão era para operar com formas mais concretas de tratamento dos conteúdos (fontes, dados, situações que permitiam ilustrar o tema etc.), privilegiando uma abordagem figurativa⁴, sem evidenciar tanto os subtemas subjacentes a estas manifestações.

Nos encontros de orientação, o percurso temático foi sendo conduzido pouco a pouco, de forma dialógica, procurando encontrar o aspecto mais abstrato a que se referia um ou outro componente mais concreto, tentando distinguir os planos expressivo e de conteúdo⁵ a serem abordados, e nestes os aspectos temáticos dos figurativos. A organização do percurso temático da reportagem especial foi um dos primeiros desafios identificados ao longo no processo de orientação. Essa competência discursiva, considerada como pressuposta e mais geral à prática

⁴ Segundo Fiorin (2008) os temas são categorias de natureza conceituais que servem para organizar e ordenar os elementos do mundo natural, isto é, as figuras. Estas duas camadas se complementam para produzir o sentido de um texto, mas é possível perceber certa predominância de um ou de outro, isto é, um texto pode ser mais temático ou mais figurativo, ainda que não exclusivamente. Quanto aos textos figurativos, sua ênfase está em criar efeitos de realidade ao representar e descrever o mundo natural, função que se aproxima muito mais do discurso jornalístico.

⁵ Barros (2005) esclarece que um texto resulta da junção de dois planos: o do conteúdo, que se organiza através de um percurso de engendramento de sentidos, com o plano da expressão, que suporta e expressa o conteúdo, investindo e concretizando os temas abstratos e promovendo também efeitos de realidade.

jornalística, anterior mesmo à concepção do mapa midiático-temático, motivou o estudo de procedimentos e práticas pedagógicas que facilitem seu desenvolvimento (Macedo, 2024).

Tendo estruturado o percurso temático a ser trabalhado no texto de referência, isto é, elencados os subtemas que serviriam para demonstrar a questão que se desejava abordar, percebemos que se tornou mais fácil conceber os conteúdos de expansão. Nessa etapa, para marcar a interdependência e autonomia própria dos aspectos temáticos em relação ao conteúdo de referência (a reportagem ou série de reportagem), sugerimos nominá-los por meio de retrancas. A proposta dos conteúdos de expansão consiste em desenvolver mais (ou avançar) a abordagem de um certo aspecto temático, porém em outra mídia. A princípio esse exercício pareceu bem complicado para os estudantes, mas por meio de exemplos e à medida que eram auxiliados nesse processo, a compreensão da lógica se sedimentou e o mapa midiático-temático foi sendo preenchido por ideias, que comportavam não somente o aspecto temático como também mídias e formatos diferenciados capazes de enriquecer o projeto transmídia.

Conforme já nos referimos, as partes do mapa midiático-temático que representavam os conteúdos de expansão (retrancas) não se mostraram suficientes para explicitar o desdobramento temático, por isso foi incorporado um espaço para detalhamento dos mesmos já na primeira etapa da testagem do método. A base para este detalhamento partiu dos principais elementos de uma pauta jornalística: retranca, formato, desenvolvimento/abordagem, fontes e recursos.

À medida que os conteúdos de expansão eram concebidos, recomendava-se pensar também a função que estes exerceriam, de forma mais predominante, em relação ao conteúdo de referência. As funções identificadas na análise dos especiais da Folha de S. Paulo – de atualização, contextualização, opinião e exploração (Macedo, 2019) – foram o ponto de partida, mas alguns grupos idealizaram também uma nova função, identificada com conteúdos de “orientação”, que pode ser associada tanto à extração (*Extractability*), princípio das narrativas transmídia apontado por Jenkins (2009b) quando propõe conteúdos capazes de fazer parte do dia a dia do público, como também à uma dimensão mais própria do jornalismo de utilidade pública. De maneira geral, nos roteiros produzidos destacaram-se os conteúdos de expansão transmídia com funções de contextualização e opinião.

Cabe ressaltar que os conteúdos de atualização, que se valem de acontecimentos mais recentes, ocorridos durante o período de publicação e distribuição da reportagem especial transmídia, são imprevisíveis e, portanto, não podem ser inseridos no roteiro senão sob a forma de alertas para monitoramento das situações relacionadas a um ou outro aspecto temático. Um processo judicial em curso, uma legislação a ser votada ou uma data representativa, por exemplo, requer acompanhamento mais sistemático destes eventos por parte dos jornalistas-produtores para o caso de surgirem novos elementos capazes de atualizar algum aspecto temático presentes no conteúdo de referência.

O terceiro e último encontro de orientação com os estudantes foi um convite à revisão do roteiro. Um olhar mais geral sobre o caminho percorrido “aparar as arestas” e “lapidar” o projeto transmídia. A visualização permitiu avaliar a pertinência da utilização de cada mídia ou plataforma escolhida, bem como a concentração de conteúdos numa ou noutra; ajudou a perceber o destaque dado aos desdobramentos temáticos e a tendência da abordagem dos conteúdos de expansão, possibilitando ajustes necessários; além de identificar a ênfase dada ao projeto através das funções que predominavam, isto é, se tendiam mais a discussão, a orientação ou contextualização. Esse exercício final serviu para mostrar o quanto a estrutura hierárquica estabelecida pelo mapa midiático-temático e seus diferentes elementos auxiliam na elaboração de um roteiro mais consistente, permitindo vislumbrar tanto as partes quanto o todo.

4 AVALIAÇÃO E APRENDIZADOS

A aula final foi reservada, nas duas disciplinas, para que os professores orientadores apresentassem de maneira sistematizada os roteiros produzidos pelos grupos, estimulando comentários dos estudantes acerca do exercício realizado e incentivando comentários e sugestões para desenvolvimento do método. Tanto para discentes como docentes, essa etapa de síntese auxiliou na consolidação dos conhecimentos e competências verificadas ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Após esta avaliação, foi enviado aos estudantes um questionário sobre a utilização do método, o que sentiram mais dificuldades e como avaliaram o roteiro final, conforme detalharemos a seguir. O intuito era obter dados mais precisos sobre o processo de aplicação. Apresentaremos, a seguir, os principais resultados tanto dos roteiros quanto dos questionários.

Na avaliação dos professores-orientadores, os mapas midiático-temáticos elaborados pelos estudantes das duas disciplinas evidenciaram uma boa compreensão do método proposto, fazendo bom uso da ferramenta e da lógica que a preside: a expansão de conteúdos para mídias/plataformas através do desdobramento de aspectos temáticos. Apesar de boa parte dos alunos apontar o uso de programa de planilhas eletrônicas como desafio na elaboração do mapa midiático-temático, este se mostrou operativo para roteirização de reportagens especiais transmídia, pois todos os grupos conceberam conteúdos para uma mídia de referência e idealizaram conteúdos de expansão para outras mídias, demarcando a relação temática entre eles e suas funções.

Corroboram essa avaliação docente as respostas fornecidas através do questionário, respondido por 15 dos 18 estudantes da disciplina Processos de Roteirização e Jornalismo, e por 11 dos 29 alunos da disciplina Telecinejornalismo. Sobre a utilidade do mapa midiático temático, 100% dos alunos da primeira disciplina responderam ter ajudado ou ter ajudado muito no processo de roteirização da reportagem especial transmídia, enquanto do componente obrigatório o percentual foi de 72,7%. Algumas das razões apresentadas para essas respostas destacam aspectos como permitir uma maior organização, direcionar o início da elaboração de um projeto, possibilitar um planejamento mais amplo e também a visualização das ideias alinhadas com as mídias, assim como auxiliar na definição das prioridades “sem se perder”. O relato a seguir, de uma das estudantes que participou da primeira experiência de testagem do método, ilustra bem o percurso feito, tanto dos desafios quanto das possibilidades de utilização da ferramenta:

Gostei da forma que através dele, após a sua finalização, é possível visualizar as ideias de um modo autoexplicativo e um pouco mais sucinto. Por exemplo, na produção eu peguei uma folha A4 e escrevi tudo, não em forma de mapa, mas da forma que para mim seria mais fácil compreender, tanto as minhas ideias quanto as das meninas e a forma como alinhamos aquilo que queríamos colocar no mapa. Então escrevi, marquei com diferentes cores de marcadores correspondentes às funções do conteúdo (contextualização ou opinião) e montei as folhas na mesa de uma forma que eu conseguisse visualizar tudo. Era muito complexo e fácil de se perder, tinham muitas palavras, levaria um tempo considerável para ler e tentar entender tudo aquilo, e ainda assim, acho que não seria possível sem a minha explicação. Quando consegui passar para o mapa proposto, vi que se eu pegasse para realizar aquela proposta de conteúdo, seria muito mais simples compreender a ideia, a proposta e como, de fato, aplicá-la. Achei uma forma mais universal de entendimento, resume bem, é fácil de visualizar e pensar a partir dele. Depois de ver o conteúdo lá, eu mesma fiz vários ajustes porque percebi coisas que estavam desconexas, assuntos que ficaram soltos, temas que poderiam ser

incorporados, essas coisas [...] (Estudante da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo, Curso de Jornalismo, UFPE, 2020.2).

A compreensão de que o mapa midiático-temático não é um esquema rígido ficou clara, como demonstra o relato. Como em um mapa, é possível mudar de rota antes de iniciar o percurso ou até no decorrer dele, isto é, mesmo durante o processo de apuração e produção, permitindo sua atualização de modo a incorporar as alterações necessárias⁶. Como em qualquer produção jornalística, é preciso ter em mente por onde seguir, mas sem deixar de lado os apelos que o processo de apuração requer.

Como explicitado anteriormente, o mapa possui uma estrutura base que compreende os elementos essenciais a uma produção transmídia, mas as formas de organização desses elementos e as articulações possíveis entre eles variam conforme a subjetividade de seus produtores, permitindo arranjos diferenciados para, inclusive, uma mesma temática. Foi o caso de três dos grupos de estudantes da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, que trataram da situação dos atletas olímpicos, enfatizando perspectivas temáticas como a saúde mental, os investimentos públicos e a realidade de preparação para os jogos olímpicos seguintes.

Apesar do resultado positivo na testagem do método, os exercícios práticos também impõem alguns questionamentos que, teoricamente, não apareciam. Na produção da reportagem transmídia, por exemplo, pensar a mídia de referência ou as mídias de expansão parece ser algo natural, que vem por consequência. No entanto, essa escolha está imbricada com a função do conteúdo, com o formato e também com a abordagem. Escolher entre um portal ou um jornal impresso, por exemplo, para expandir um aspecto temático pode ser indiferente à primeira vista, mas dependerá, além de fatores contextuais do próprio destinador-produtor (o veículo noticioso), do aspecto temático a ser desenvolvido e do objetivo último daquele conteúdo no contexto mais geral do projeto (as funções).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de aplicação do método em turmas de graduação de jornalismo tem apontado questões que se mostram extremamente relevantes para o ensino e a produção transmídia no jornalismo. O exercício de roteirização transmídia de reportagens especiais fez com que professores e alunos se deparassem com desafios que exigem conhecimentos nem sempre sistematizados. As primeiras respostas oferecidas através da ferramenta mapa midiático-temático, focadas sobretudo na expansão temática, desencadeiam outras questões como a pertinência das mídias e plataformas, a produção de conteúdos interativos, as etapas posteriores de distribuição e promoção do engajamento. O que pudemos concluir no primeiro momento do estudo foi que a tentativa de respostas, longe de esgotar as questões, exigiu tanto a reflexão teórica quanto a realização de exercícios práticos e experimentais que permitiram o confronto de hipóteses e de possibilidades.

O processo de roteirização e a posterior discussão das propostas em sala de aula produziram conhecimentos e treinaram competências cada vez mais necessárias aos profissionais de jornalismo. Se a operacionalização do método proposto colaborou para aprofundar, de alguma

⁶ Por serem ministradas de forma remota durante o período da pandemia as disciplinas não previam a fase de produção, edição e publicação do projeto, centrando-se mais especificamente na fase de pré-produção, a roteirização. As demais etapas foram desenvolvidas posteriormente durante a pesquisa (ver Macedo, 2024).

forma, a transmidiação no jornalismo, contribuiu mais ainda para desenvolver, nos estudantes participantes da pesquisa, habilidades que não se limitam ao uso desse modelo de produção uma vez que também estimula competências argumentativas. Os exercícios proporcionaram aos futuros profissionais de jornalismo o acesso a conhecimentos e a reflexão sobre as relações entre as mídias/plataformas e suas hierarquias, a adequação de assuntos/temas a formatos e linguagens mais apropriadas e a modos de organização e articulação entre conteúdos, de modo a torná-los críticos em “relação ao poder exercido pelo jornalismo na construção de sentidos” (Brasil, 2018).

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BORDAS, Miguel Angel Garcia. Notícia direta e notícia de criação: discussão do discurso jornalístico. In: **Revista Texto de Cultura e Comunicação**, Salvador, BA, v. 1, p. 189-207, 1995.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: < https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN12013.pdf >. Acesso em: 20 fev. 2022.
- BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Portaria nº 446, de 30 de maio de 2018. Dispõe sobre o componente específico da área de Comunicação Social – Jornalismo do Enade 2018. Disponível em: < https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/legislacao/2018/portaria_n444_30052018_formacao_geral_enade2018.pdf >. Acesso em: 20 fev. 2022.
- CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, D. CAMPALANS, C. RUIZ, S. e GOSCIOLA, V. **Periodismo Transmedia: miradas múltiples**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013, p. 53-68.
- DE LA RUE, Saulo. A grande reportagem entre o mercado e a academia. In DUARTE, Elizabeth Bastos & CASTRO, Maria Lília Dias de (org.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2006, p. 183-188.
- FECHINE, Yvana et al. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação**. 21. Ed. São Paulo: Publifolha, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009a.

JENKINS, Henry. **The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling**. 2009b. Disponível em: <www.henryjenkins.org>. Acesso em 06 mar. 2022.

MACEDO, Marcos Carvalho. **A reportagem especial transmídia: uma proposta de roteirização**. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

MACEDO, Marcos Carvalho. **Narrativa transmídia jornalística: estratégias e procedimentos nos dossiês Tudo Sobre**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34254>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MACEDO, Marcos Carvalho. Mapa midiático-temático: instrumental para roteirização de reportagem transmídia. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, n. 30, 2021a, São Paulo. **Anais do XXX Encontro Anual da Compós**. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2021/trabalhos>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MACEDO, Marcos Carvalho. Ensino de Jornalismo Transmídia: uma proposta para roteirização de reportagens especiais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, n. 19. 2021b, Encontro virtual. **Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2021/trabalhos>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MARTINS, Allysson. Experiência das Narrativas Cross e Transmidiáticas no Webjornalismo. In: **Logos**, v. 34, p. 18-31, 2011.

MARTINS, Allysson; SOARES, Thiago. As Narrativas Cross e Transmídia e as Características do Webjornalismo no Globo Esporte. In: **Conexão**, v. 10, p. 55-76, 2011.

MOLONEY, Kelvin. T. **Porting Transmedia Storytelling to Journalism**. Dissertação (Mestrado em Artes). Faculty of Social Sciences, University of Denver, Denver, 2011. Disponível em: <<https://digitalcommons.du.edu>>. Acesso em: 06 mar. 2022.

PEREIRA JUNIOR, Luiz da Costa. **A Apuração da Notícia**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário**. São Paulo: Publifolha Editora, 2009.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Narrativas transmedia: Cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Duesto, 2013.